

# Delfim fica em N. York para procurar mais investimentos privados

por Milton Coelho da Graça  
de Nova York

Como se sente um homem acostumado ao poder quase absoluto — que inclui desde as conveniências do máximo conforto até a curiosidade insaciável de jornalistas e outros pacatos cidadãos — quando se vê misturado a uma multidão que o desconhece e ignora? 'Muito bem', foi a resposta imediata e sorridente do ministro Delfim Netto, pouco depois do voo que o trouxera de Washington a Nova York, após três dias e meio de negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Departamento do Tesouro.

Nem uma só pessoa o reconheceu no aeroporto de Washington como também nenhum dos 200 passageiros que com ele se espremeram no Boeing 707 lotado.

Ele parecia demonstrar um sincero prazer com o anonimato e os apertos tão conhecidos dos passageiros de pontes aéreas. Mas aí, no final do corredor de saída do aeroporto de Nova York, apareceu uma equipe de televisão da TV-Manchete e Delfim Netto se transfigurou. O cansaço e a descontração foram magicamente substituídos pelo autocontrole e a postura — tão familiar ao público brasileiro — de quem vai explicar uma coisa fácil e que todos já deviam ter entendido.

Durante a curta entrevista que o ministro deu a este jornal, ele assegurou que 'não pensa mais' na hipótese de se candidatar ao governo de São Paulo. Também não pretende voltar a ser professor. 'No final do governo Figueiredo, vou reabrir meu escritório que está fechado há dez anos, anunciou. Mas também disse que se sente perfeitamente à vontade no esforço — novo em sua carreira — de ter de negociar medidas econômicas com os políticos. E está convicto de que o PDS terá um papel cada vez mais importante nas decisões do governo. Essa atitude de braços abertos para a política e o brilho nos olhos ao ver uma câmara de televisão permitem a hipótese de que Delfim não está revelando tudo o que pensa quando fala em voltar ao escritório.

O episódio Hélio Beltrão, para ele, está inteiramente superado. "Não houve nem vai haver nenhuma consequência política", é a sua avaliação. Para Delfim, tudo pode ser resumido ao fato de que Beltrão não cumpriu a tarefa para a qual tinha sido indicado. "Quando ele disse que não podia aumentar a receita nem cortar os custos da Previdência, ele admitiu que não estava cumprindo o seu papel." Delfim diz que o País todo tem de se ajustar às novas circunstâncias e que a Previdência não pode ficar de fora, como Beltrão queria. E sua avaliação é de que a saída de Beltrão não significa prejuízo político para o governo porque os empresários não o apóiam. (Mais tarde uma fonte do Ministério do Planejamento, solicitada a explicar essa avaliação do ministro, afirmou: "E isso mesmo, os empresários não estão com Beltrão, estão com Aureliano".)

Delfim insistiu em que os

seus três dias e meio de reuniões com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, tiveram dois pontos: explicar a inflação no Brasil e começar a discussão sobre 1984. Mas acrescentou uma pista: "O presidente Figueiredo decidiu uma política monetária um pouco mais ativa e eu discuti isso também com o Fundo".

Ele não tem dúvida de que os bancos cobrirão os US\$ 6,5 bilhões de "dinheiro novo". E, quanto à revelação feita há alguns dias a este jornal por uma fonte do Planalto de que "a grande renegociação é iminente e de que Delfim é quem irá comandá-la, foi propositalmente dúbia: "A renegociação que estamos fazendo agora não é uma pequena renegociação, é uma renegociação que envolve nove anos de prazo e cinco anos de carência. É uma senhora renegociação. E é o primeiro passo para as futuras renegociações. Na medida em que o programa der certo, serão cada vez mais fáceis.

E, se acontecer algo errado, quais são os planos alternativos? A resposta é classicamente delfiniana: "Eu espero que nada aconteça de errado. Nós não furamos o programa, conseguimos os 2,7% de déficit, os 7,5 de déficit em contas correntes. Só não superamos o problema da inflação, resultante de um dramático efeito de redução de oferta.

O Nordeste não conseguiu colher este ano as sementes que botou no solo. Isso, mais as enchentes no Sul e a subida dos preços agrícolas internacionais explicam a nossa inflação".

Mas qual é o pior cenário possível, ministro? Ele não consegue fazer previsões pessimistas e reafirma: "Vamos aí atingir as metas de exportação e de déficit público. E teremos uma redução das importações de petróleo. Estamos prevenindo um aumento de importações pelo setor privado e estamos dando todos os estímulos às exportações e vamos ter uma safra enorme. E, como temos uma capacidade ociosa importante, espero o início da recuperação industrial ainda em 84'.

O ministro Delfim Netto ficará até sexta-feira próxima em Nova York, mantendo 'contatos privados', segundo um porta-voz do Ministério do Planejamento.

O próprio Delfim, entretanto, disse a este jornal que esses contatos serão dedicados exclusivamente a procurar aumentar os investimentos privados no Brasil. Uma fonte bancária, muito conhecedora dos hábitos de Delfim, disse que as pessoas que ele iria procurar têm um mesmo perfil: são empresários, pessoas bem informadas e que o ministro conhece há muito tempo.

Essa mesma fonte admitiu a possibilidade de que um dos encontros seja com David Rockefeller. 'Que satisfaz todos os pontos deste perfil.' Mas disse que só o próprio Delfim e o seu chefe de gabinete, Sérgio Faria Lemos, poderiam conhecer toda a agenda até sexta-feira.